ARTIVISMO FEMINISTA: LOUCAS DE PEDRA LILÁS NA LUTA ANTIRRACISTA

Maria Cristina do Nascimento[i]

RESUMO

A presente pesquisa se propõe abordar a trajetória da organização não governamental (ONG) Loucas de Pedra Lilás nos seus 25 anos de teatro engajado, aqui denominado de artivismo (arte + ativismo) e a luta feminista antirracista. O ponto de partida é a identidade de mulher negra, louca e teatrista, e outras tantas identidades que podem ir compondo esses escritos. Desde 2001, as loucas têm fortalecido suas atuações na luta antirracista, a partir de composições, construções teatrais e grupos de reflexão acerca do ser mulher negra. Ser referência em artivismo teatral feminista, durante mais de duas décadas, faz recair sobre esta ONG a responsabilidade de transmitir às gerações futuras, suas ideias, metodologias, conquistas para um mundo mais justo, igualitário, pacífico e feliz, como diz seu lema: "MEU BEM É MAIS GOSTOSO COM HUMOR". O problema de pesquisa se configura em três questões principais: Quais identidades performatizam no artivismo das Loucas? A que se propõe o teatro engajado das Loucas? Qual a importância do Loucas para o feminismo antirracista? As questões serão respondidas considerando um período específico das ações dessa ONG, entre 2006-2007, através de rodas de conversa, considerando também os processos de construção teatral, a partir dos scripts, das vivências e dos grupos de reflexão. Para análise, os principais referenciais teóricos serão: Paulo Freire, Augusto Boal, Judith Butler e Jurema Werneck.

Palavras-chave: Artivismo. Loucas da Pedra Lilás. Gênero. Raça.

INTRODUÇÃO

O teatro na sua acepção mais antiga significa a capacidade do ser humano de observar a si mesmo. Para Augusto Boal (1999), o ser humano ao ver seus pares, vê-se a si mesmo, sendo capaz de pensar suas emoções e de se emocionar com seus pensamentos.

> *"Posso identificar um amigo por um gesto, um pintor por seu estilo, um político pelas leis que vota. Mesmo na ausência de uma pessoa, posso identificar sua marca, seus traços, suas ações, seus méritos." (Boal, 1999).*

Podemos identificar o teatro das loucas como um teatro engajado às transformações sociais no que se refere às desigualdades entre homens e mulheres imposta pelo patriarcado racista, capitalista, excludente.

Para Nascimento (2000), “o teatro se constitui num sistema social, histórico de construção de sentido”, sempre presente na história da humanidade, com seu testemunho, suas denúncias e propostas de transformação, ou seja, o teatro por si já é um canalizador de possibilidades, um meio de comunicar e expor, de questionar e propor. Na sua trajetória, a humanidade vem construindo e desconstruindo sentidos através de múltiplas formas, o teatro é uma delas.

Segundo uma fábula chinesa, foi uma mulher que descobriu o teatro, os homens num determinado momento da história se apoderaram desta arte e até mesmo excluíram as mulheres (Boal, 1999), sim, no teatro grego os homens faziam todos os papéis femininos...na era shakespeariana, também.

Este trabalho vai abordar o teatro na perspectiva das mulheres, feministas, cujo grupo se compõe apenas por mulheres, eventualmente já houveram participações masculinas, mas muito eventualmente.

O teatro tem e sempre terá uma função social, mas há aquele tipo de teatro que leva essa função como objetivo principal, tornando-o ferramenta de transformação social (tanto de quem atua, como de quem o vê), daí o termo a ser utilizado para caracterizar o teatro realizado pelas Loucas de Pedra Lilás ser o **teatro/educação –** na perspectiva de teatro político, engajado, teatro aliado ao ativismo social**,** aqui denominado por **artivismo.**

Nessas duas décadas de loucas performances mundo afora, sempre estiveram num embate entre suas identidades, (aqui supostamente ou necessariamente reconhecendo as diferenças: não é um teatro comercial; não visa apenas o prazer estético), o que fazem as Loucas é ou não teatro? Para ser reconhecido pela classe artística (indivíduos que atuam nas artes, tendo como pressuposto a arte pela arte- que em si já transforma- uma crítica forte à arte engajada), como se posicionar? Quais os objetivos e objeto prioritários?

Quando o fazer artístico é tão importante quanto o atuar pedagógico, traduzir, qualificar a prática e o discurso feministas, para os mais diversos públicos, utilizando, imagens, cores, dizeres e saberes, questionando o status quo, estabelecendo um diálogo transformador/ando-se. A complexidade em várias

identidades: feminista, composto por ativistas feministas, lúdico, comprometido socialmente, crítico, propositivo, pedagógico. Mulheres diversas: classes, raça/cor, formação, experiências, identidade sexual...

Quais identidades performatizam no artivismo das Loucas?

Ser durante mais de duas décadas referência em **artivismo** feminista, recai a responsabilidade de transmitir às gerações futuras, suas ideias, metodologias, conquistas para um mundo mais justo, igualitário, pacífico e feliz, como diz seu lema: “MEU BEM É MAIS GOSTOSO COM HUMOR”.

O ponto de partida é a identidade negra, louca e teatrista, e outras tantas identidades que podem ir compondo esses escritos.

Em sua trajetória de 25 anos, desde sua primeira saída nas ruas em 89 até os dias atuais, essas artivistas têm o compromisso em transformar as durezas da vida (machismo, racismo, capitalismo...) em boas doses de humor cidadão propositivo, atuando com irreverência e picardia, nas ruas, escolas, nos fóruns sociais ou qualquer lugar onde haja injustiça e desejo de mudanças, subvertendo a ordem.

Talvez subversão seja a palavra de ordem para essas teatristas libertárias, que subvertem, inclusive a autoria das coisas “o que é bom, é para ser replicado, sem patentes” (Ana Bosch, louca), essa máxima vale em suas produções engajadas, educativas e libertárias. Desde o uso do termo instalações político-artísticas às performances inspiradas em personagens de cinema.

Judith Butler, para quem‘rir de categorias sérias é indispensável para o feminismo” (2003, p.08), desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é - uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – da ideia de “tornar-se", para uma concepção da **identidade como movimento e transformação**. Dessa forma, retomando o conceito teatral de performatividade para ilustrar esse mesclado nas diversas identidades dentro das Loucas e a possibilidade assumirem múltiplas identidades – masculinas, femininas, transgêneros, transgressoras- transitar por elas, usando uma variedade de linguagens artísticas para criticar e propor mudanças sociais, ativismo artístico ou

melhor, **artivismo**aqui conceituado como arte com responsabilidade social; arte engajada, nos dizeres de Eve Ensler:

> ... Essa paixão tem todos os ingredientes de ativismo, mas é cobrado com as criações selvagens de arte. Artivismo - onde as bordas são empurradas, a imaginação é liberada, e uma nova linguagem surge completamente "Bruce Lyons escreveu:" .... artivismo promove a compreensão fundamental que ... [seres humanos] ... podem, por meio de expressão criativa corajosa, experimentar o poder unificador do amor quando coragem aproveita-se à tarefa da arte + responsabilidade social. *wikipedia.org/wiki/Artivism*

E no conceito dado pelo Bacaneria Planetária, que resumem criações artivistas como

> "A las obras que son simultaneamente acciones políticas directas y propuestas artísticas, como forma particular de expresión estética non violenta, le llaman "ARTIVISMO", palavra que une el concepto tradicional de "ARCTIVSMO POLÍTICO con el de ARTE. El artivismo está motivado por flertes emociones: la indignación por la justicia y el entusiasmo por la vida. Surge por la necessidade que tenemos, como artistas y como ciudadanos, de expresarnos politicamente com nuestras creaciones estéticas. El artivismo es um acionar ético, estético y lúdico. El artivismo es uma respuesta crititiva (crítica+creativa) a los hechos que *se producen em la sociedade". (2010, Bacaneria Planetaria na web)*

O teatro político feminista das Loucas coloca no seu centro o reconhecimento das múltiplas identidades e das diferenças, assim como as questiona e se questiona.

O teatro Político no Brasil – contextualizando o nascimento das Loucas

Segundo Iná Camargo (1996), na década de 50 o teatro brasileiro deu uma guinada à esquerda: em 1958, o Teatro de Arena de São Paulo encenou ***Eles não usam black tie*** *(de Gianfrancesco Guarniere),* em 1960,***Revolução na América do Sul*** *(Augusto Boal)* e, em 1962, Vianinha e companheiros fundaram o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE.

O CPC realizou experiências radicais de teatro, pouco estudadas até os dias atuais, provavelmente porque não correspondem aos cânones franceses e americanos, ainda hoje em voga no teatro brasileiro.

Para a autora, entender essa efervescência do teatro político, tem-se muito a estudar e a fazer. Conhecer as experiências do naturalismo, a história dos teatros livres, a história do ***agit prop*** da Revolução soviética e, compreender assim, a obra

de um Maiakovski. Como também engendrar da trajetória de Brecht, o dramaturgo e maior teórico do teatro épico. Assim, será possível conhecer e dar a conhecer as experiências do teatro político no Brasil, situando o nascimento das Loucas, no contexto de redemocratização nos anos 80, com o aparecimento de diversas ONGs no País.

Em Recife/PE o movimento de mulheres se organiza e leva para ruas temas ligados ao universo feminino, buscando facilitar essa mediação com a população, encontra no teatro/performance uma ferramenta de grande valia. Nascem as Loucas, com irreverência e humor, fazendo o feminismo chegar às pessoas "comuns" de forma mais fluida e simpática.

Em 1996, As Loucas constroem um projeto e tornam-se uma Organização Não Governamental, tendo como missão, segundo seu estatuto:

> "Dar visibilidade, através do teatro e de outras expressões artísticas, às ações do Movimento de Mulheres local, nacional e internacional. *As Loucas* - como também são conhecidas – buscam assim contribuir para a garantia e ampliação dos direitos humanos, em especial os direitos humanos das mulheres, para a construção de sociedades mais plurais, justas, iguais, participativas e solidárias."

O teatro das Loucas posiciona-se historicamente e historicamente é influenciado, assumindo seu papel político educativo como máxima, nutrindo-se de fontes diversas e colocando suas utopias para "UmOutro Mundo Possível" (slogan dos Fóruns sociais Mundiais).

Artivismo Antirracista nas Loucas: Teatro, música e grupo de reflexão[ii]

O Movimento de Mulheres Negras nasce num contexto de muita efervescência no processo de luta pela constituição de 1988 e para o Centenário da Abolição, com ampla mobilização de diferentes grupos e organizações para garantir suas reivindicações específicas, visto que as mulheres negras não se sentiam

contempladas enquanto negras no movimento feminista e como mulheres no movimento negro, como afirma Suely Carneiro, (1990, p. 212),

> "Assim, o Movimento de Mulheres Negras nasce marcado pela contradição que advém da necessidade de demarcar uma identidade política em relação a esses dois movimentos sociais de cujas temáticas e propostas gerais também partilha e que, em última instância determinam a sua existência e ambiguidades. Estas condições impõem a discussão sobre os fatores que justificam a necessidade de organização políticas das mulheres negras, a partir de suas especificidades, e ainda investigar no que estas especificidades consistem."

Com as mulheres negras se organizando em movimento específico, tanto o movimento negro como o feminista tiveram que se revisitar e criar estratégias de garantir, em suas lutas, a voz e as reivindicações do Movimento de Mulheres Negras, nesse sentido, o feminismo negro se impõem e consegue transformar a pauta do Movimento Feminista Brasileiro, que vem demarcando seu posicionamento:

> "Entre as estratégias de atuação da AMB para transformação social está a articulação da luta feminista nas políticas públicas, adotada com dois objetivos: acumular forças para confrontar o Estado burguês, patriarcal e racista que temos no Brasil e alcançar conquistas que mudem para melhor, no curto prazo, a vida das mulheres." (AMB, 2011, p.5)

Essas articulações entre raça/cor/etnia e gênero vem se dando de forma paulatina e influenciando todos os grupos e organizações participantes do referido movimento, sendo as Loucas uma delas.

É importante salientar que os anos 90 e 2000 configuram-se como as décadas dos grandes tratados, conferências e acordos internacionais, buscando a unidade mundial em torno dos direitos humanos e da justiça social.

Em 2001, ano da **Conferência de Durban** contra o **racismo**, a **xenofobia** e todas as formas **correlatas de intolerâncias**, as mulheres negras das Loucas assumiram a incumbência de pensar e construírem juntas ideias/quadros para compor um espetáculo que colocasse as urgências políticas das Mulheres Negras, denunciando o racismo e propondo políticas públicas e atitudes antirracistas. Foram momentos de muitas conversas, segundo a atriz/louca Nadege Nascimento,

lembranças felizes e dolorosas, aquisição de novos conhecimentos, reconhecimento das identidades negra e feminista. Por ter sido tão relevante é que torna-se necessária sua sistematização, pois que envolveu reflexão-ação, tomada de consciência e atuação cidadã.

Em que limites e possibilidades poderá a experiência pedagógica de construção teatral do espetáculo Muntu – com seu discurso antirracista e reafirmação de identidades positivas negras, ser replicada e atender as demandas do movimento negro e feminista (feminismo antirracista)?

O sujeito do conhecimento é mulher, negra, atuante, há que se buscar o aporte nas teorias de representações sociais para aprofundar a compreensão do processo de construção desses saberes e transformações dessas 'sábias amadoras', como diria Moscovici. (1961, apud, 2002, p.134).

A proposta do texto Muntu era situar algumas histórias - vividas ou vistas - e fatos históricosque denunciassem o preconceito, a discriminação e o racismo, organizado em 08 quadros, contrapondo a isto proposições de enfrentamento por intermédio do movimento social negro, fortalecimento da autoestima das mulheres e o (re)conhecimento de nossa ancestralidade e resistências. A ordem de apresentação era escolhida aleatoriamente pela plateia que, introduzida no espetáculo como se estivera indo a conferência, escolhia as prioridades para debater, cada quadro era entremeado por uma frase, poema ou poesia, escritas por artista ou ativista negra. Neste espetáculo eram cantadas músicas compostas pelas Loucas em 2000 (Espetáculo: O Foufou da Dafé"), quando se comemorou os 500 anos de "descobrimento do Brasil", essas músicas falam de mulheres guerreiras que construíram e constroem este país, mas que estão foras das histórias oficiais e que de várias formas fortalecem sua luta com irreverência, indignação e axé: "As Dafés da vida"; "O Foufou da Dafé" "A cor do Sangue".

Em Muntu, As personagens negras são protagonistas de cenas embaraçosas e de verve crítica, questionando posicionamentos, silenciamentos e apresentando vozes de resistências em vários momentos históricos. Durante apresentação, elas foram indagadas em relação à pintura/máscara branca do rosto – seria o

embranquecimento brasileiro? – e lembram que essa máscara vem dos mimos tradicionais e que pintar-se de branco também está presente em máscaras africanas, "*a pintura garante o chamamento do público na rua*", afirma a coordenadora pedagógica.

Grupo reflexão: Eu, Mulher Negra (2006 e 2007)

A busca por espaço específico para reflexão acercado racismo na vida das mulheres foi permeada por estas questões: Por que a maioria das atrizes das Loucas era negrae não se via representada nas suas especificidades? Como essa mulher genérica tratada pelo feminismo branco burguês poderia representá-las?Onde conversar sobre suas histórias enquanto mulheres negras? Com quem trocar essas experiências frente ao racismo? Quais mulheres negras são referências nessa luta de resistência? Era pois, indagações históricas e paradigmáticas:

> "A menudo las feministas blancas actúan como si las mujeres negras no supiesen que existía la opresión sexista hasta que ellas dieron voz al sentimiento feminista. Creen que han proporcionado a las mujeres negras «el» análisis y «el» programa de liberación. No entienden, ni siquiera pueden imaginar, que las mujeres negras, así como otros grupos de mujeres que viven cada día en condiciones opresivas, a menudo adquieren conciencia de la política patriarcal a partir de su experiencia vivida, a medida que desarrollan estrategias de resistencia —incluso aunque ésta no se dé de forma mantenida u organizada.2" (Hooks, apud Jobardo, 2012, pdf).

Havia a consciência de uma opressão diferenciada, sentia-se a necessidade de momentos próprios para debates dessas especificidades, fazia-se mister que contassem suas histórias e juntas reafirmassem seus valores.

Foram realizados vários encontros de trocas, conversas, debates e jogos teatrais- com construções de imagens e cenas a partir dessas histórias narradas - Em 2006, como atuação em público, participaram da Caminhada das Escolas Municipais do Recife no 20 de Novembro e encenaram cenas do Muntu, no Pátio de São Pedro;

Em 2007 - além dos encontros de reflexão, ampliaram para a participação de educadoras do movimento negro,convidadas para debater e contribuir nesses encontros.

Para intervenção pública, construíram uma imagem/instalação e realizaram coro nos ônibus da música Uiala Mukaji – com participação no Programa Sopa Diária da TV Universitária.

Suas vozes e gozos: Conclusões finais

Para concluir, selecionamos trechos do relatório final do projeto, em que o processo foi avaliado nas duas edições, com as seguintes observações:

> "Ter um espaço de discussão do racismo, a partir de experiências de vida e o impacto de práticas racistas na autoestima[1] dessas mulheres, foi muito importante para cada uma das negras participantes e para as loucas de pedra lilás como uma experiência pedagógica nova e ousada."
>
> *" ... ajudaram a pensar toda minha trajetória"*[2]
>
> "Conseguimos oportunizar momentos de trocas valiosas, re/conhecer a participação da mulher negra na luta antirracista e na valorização da cultura negra – materializada nas religiões de matriz africana[3] – além de trocas e informações sobre o movimento e conquistas no plano das políticas públicas[4]."
>
> *"hoje estou procurando ler mais sobre a mulher negra, racismo e outras coisas que tem a ver com direitos".*
>
> "Houve uma des/continuidade na presença de muitas participantes, que apresentaram motivos compreensíveis (emprego, ações no movimento, adoecimento), tendo em vista os 4 meses do processo de reflexão, mesmo assim, todas se preocupavam em saber como estava o processo.Atuar a **la loucas** foi escolha do grupo."

---

[1] Há um forte movimento negro em Pernambuco, com Articulações Atuantes (Observatório Negro, Articulação Negra, Movimento Negro Unificado), maso debate sobre racismo e autoestima das mulheres negras – espaço de corpo/voz e atuação – é menos enfocado.

[2] As falas em itálicos são de participantes da oficina.

[3] Um momento de forte impacto, foi a participação da Yalorixá Maria Helena e Ceça Axé, que falaram de suas experiências nos terreiros em PE e as religiões de matriz africana.

[4] Implantação da SEPIR - Secretaria de promoção da igualdade Racial com status de ministério, Programa Saúde da Mulher Negra, programa de anemia falciforme, etc, e análise de feministas negras sobre os entraves na sua operacionalização.

Articulamo-nos ao movimento negro para as comemorações do dia 20 de novembro – nosso espetáculo estava na programação- pátio do Carmo e Terça Negra.

A saída para a estreia foi animadíssima, no ônibus – todas com turbantes coloridos cantavam animadamente e, no percurso, falavam entusiasmadamente sobre a beleza negra e o dia da consciência negra e en/cantaram as/ospassageiras/os.

Nossa 1.ª apresentação foi realizada numa roda animada, o público não tão grande, mas com atenção focada em nossa mensagem. Havia em todas as loucas um sorriso de satisfação e desejo de quero mais. Felizes em atuar, verbalizaram transformações no modo de se ver e se sentir negra, avaliando a oficina com depoimentos emocionados, de luz, para si e para as negras".

Que bom: "que muitas de nós nos libertamos de nossos preconceitos e opressões"

"Ver amigas falando coisas que estou sentindo. Poder chorar, cantar e sorrir".

Ouvidas as vozes de algumas Loucas Negras podemos afirmar que:

Havia um desejo de estreitar relação e construir intercâmbios com outros grupos de mulheres negras e com o movimento negro o que vem se dando através da participação de três loucas negras na Frente Antirracista da AMB e também na construção de uma peça de teatro para apresentação em 2014/2015 como fechamento de um projeto coletivo de várias organizações feministas do Brasil (de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, Paraíba e Brasília);

Como também contribuir com o teatro a la Loucas para o fortalecimento da fala pública e da autoestima destas mulheres e construir juntas estratégias/mobilização com a luta antirracista dentro da AMB – Articulação de Mulheres Brasileiras[iii] e para os movimentos de mulheres garante a continuidade de encontros dessas mulheres guerreiras[iv].

E uma expectativa de que essa experiência de teatro possa inspirar as novas lutas feministas e antirracistas e disseminar a ideia de que,

> "Negra não é favela, nem cozinha de novela, negra é cor da certeza, da verdade e da beleza. Todo momento do dia que me lembra a serventia, a vergonha, escravidão, grito: Quero reparação! Bote banca, exija respeito, que te dar valor, desperta a gana, corte a raiz do preconceito, racismo é fel, plantado na lama!" (Uiala, Mulher)

Finalizamos estes escritos, conscientes da necessidade de novas buscas e diálogos sobre a louca trajetória das Loucas de Pedra Lilás na perspectiva de contribuir para a reflexão de novas estratégias metodológica para o enfrentamento ao racismo e machismo nosso de cada dia.

REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS (AMB). **Políticas Públicas para a Igualdade**: balanço de 2003 a 2010 e desafios do presente. Secretaria Executiva da AMB/Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense – Brasília; CFEMEA, 2011.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** 2ª tiragem**.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

_____ **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 4.a. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

BUTLER, Judith.**Problemas de Gênero**. Trad: Renato Aguiar. Rio d Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Iná. Camargo. **A hora do teatro épico no Brasil***.* São Paulo: Graal, 1996.

DA SILVA, T. T. (org.) .) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturai**s Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 133 págs.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. 3.ed.São Paulo; Cortez, 1997.

MENDES, Miriam Garcia. **A Personagem Negra no Teatro Brasileiro**. São Paulo, Editora Ática, 1982.

NASCIMENTO, M, C. **O Teatro-Educação Ressignificando a Participação do/a jovem na EJA.** Monografia de Especialização em Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos. Recife, UFPE-NUPEP, 2000.

WERNECK, Jurema. **O Livro da Saúde das Mulheres Negras**: nossos passosvêm de longe. /(organização) Jurema Werneck, Maisa Mendonça, Evelyn C. White; Tradução: Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. Rio de Janeiro; Pallas: Criola, 2000.

_____,IRACI, Nilza, CRUZ, Simone (orgs). Mulheres Negras na Primeira Pessoa, Porto Alegre; redes Editora, 20112.

Na web:

<http://luizcarlosgarrocho.blogspot.com.br/2008/03/do-teatro-performativo-e-das-vanguardas.html>Acesso em: 29 de setembro de 2014.

http://olhodecorvo.redezero.org/do-teatro-performativo-e-das-vanguardas-anotacoes-sobre-o-encontro-mundial-de-artes-cenicas/ Acesso 09 de outubro de 2014.

<http://bacaneriaplanetaria.blogspot.com.br/2010/11/artivismo-por-la-paz.html>Acesso em: 29/09/2014.

.

---

[i] Mulher, negra, feminista, professora da equipe técnica pedagógica do Grupo de Trabalho em Educação das Relações Étnico-Raciais – GTERÊ da Secretaria de Educação do Recife; Artivista das Loucas de Pedra Lilás, Fórum de Mulheres de Pernambuco – FMPE e Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB (Frente Antirracista). email:cristina.nascimento.com@gmail.com

[ii] Grupo de reflexão émetodologia característica da pedagogia feminista, espaço de trocas entre mulheres sobre suas experiências e aprofundamento teórico sobre histórias de luta e processos coletivos.

[iii] Em 2010/2011 a Música Uiala Mulher fez parte da Campanha contra o Racismo da AMB, com chamadas e vídeos divulgados no Youtube;

[iv] As Loucas desde 2011 estão em processo de reestruturação, com ritmo de atuação bastante reduzido.